

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA  
ANO C

**SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR**

**CIC 528, 724: a Epifania do Senhor**

- 528** A *Epifania* é a manifestação de Jesus como Messias de Israel, Filho de Deus e salvador do mundo. Juntamente com o baptismo de Jesus no Jordão e as bodas de Caná<sup>1</sup>, a Epifania celebra a adoração de Jesus pelos «magos» vindos do Oriente<sup>2</sup>. Nestes «magos», representantes das religiões pagãs circunvizinhas, o Evangelho vê as primícias das nações, que acolhem a Boa-Nova da salvação pela Encarnação. A vinda dos magos a Jerusalém, para «adorar o rei dos judeus»<sup>3</sup>, mostra que eles procuram em Israel, à luz messiânica da estrela de David<sup>4</sup>, Aquele que será o rei das nações<sup>5</sup>. A sua vinda significa que os pagãos não podem descobrir Jesus e adorá-Lo como Filho de Deus e Salvador do mundo, senão voltando-se para os Judeus<sup>6</sup> e recebendo deles a sua promessa messiânica, tal qual está contida no Antigo Testamento<sup>7</sup>. A Epifania manifesta que «todos os povos entram na família dos patriarcas»<sup>8</sup> e adquire a «israelitica dignitas» – a dignidade própria do povo eleito<sup>9</sup>.
- 724** Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres<sup>10</sup> e às primícias das nações<sup>11</sup> que Ela O dá a conhecer.

**CIC 280, 529, 748, 1165, 2466, 2715: Cristo, luz das nações**

- 280** A criação é o *fundamento* de «todos os desígnios salvíficos de Deus», «o princípio da história da salvação»<sup>12</sup>, que culmina em Cristo. Por seu lado, o mistério de Cristo derrama sobre o mistério da criação a luz decisiva; revela o fim, em vista do qual «no princípio Deus criou o céu e a terra» (*Gn* 1, 1): desde o princípio, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo<sup>13</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *Solenidade da Epifania do Senhor*, Antífona ao «Magnificat» das II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 465 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 528].

<sup>2</sup> Cf. *Mt* 2, 1.

<sup>3</sup> Cf. *Mt* 2, 2.

<sup>4</sup> Cf. *Nm* 24, 17; *Ap* 22, 16.

<sup>5</sup> Cf. *Nm* 24, 17-19.

<sup>6</sup> Cf. *Jo* 4, 22.

<sup>7</sup> Cf. *Mt* 2, 4-6.

<sup>8</sup> SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 33, 3: CCL 138, 173 (PL 54, 242) [*Solenidade da Epifania do Senhor*, 2ª Leitura do Ofício de Leituras: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 519].

<sup>9</sup> *Vigília Pascal*, Oração depois da 3ª leitura: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 277 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 305].

<sup>10</sup> Cf. *Lc* 2, 15-19.

<sup>11</sup> Cf. *Mt* 2, 11.

<sup>12</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directorium catechisticum generale*, 51: AAS 64 (1972) 128.

<sup>13</sup> Cf. *Rm* 8, 18-23.

- 529** *A apresentação de Jesus no templo*<sup>14</sup> mostra-O como Primogénito que pertence ao Senhor<sup>15</sup>. Com Simeão e Ana, é toda a expectativa de Israel que vem ao encontro do seu Salvador (a tradição bizantina designa por *encontro* este acontecimento). Jesus é reconhecido como o Messias tão longamente esperado, «luz das nações» e «glória de Israel», mas também como «sinal de contradição». A espada de dor, predita a Maria, anuncia essa outra oblação, perfeita e única, da cruz, que trará a salvação que Deus «preparou diante de todos os povos».
- 748** «A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar todos os homens com a sua luz que resplandece no rosto da Igreja, anunciando o Evangelho a toda a criatura»<sup>16</sup>. É com estas palavras que começa a «Constituição Dogmática sobre a Igreja» do II Concílio do Vaticano. Desse modo, o Concílio mostra que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos relativos a Jesus Cristo. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo. Ela é, segundo uma imagem cara aos Padres da Igreja, comparável à lua, cuja luz é toda reflexo da do sol.
- 1165** Quando a Igreja celebra o mistério de Cristo, há uma palavra que ritma a sua oração: *Hoje!*, como um eco da oração que lhe ensinou o seu Senhor<sup>17</sup> e do chamamento do Espírito Santo<sup>18</sup>. Este «hoje» do Deus vivo, em que o homem é chamado a entrar, é a «Hora» da Páscoa de Jesus, que atravessa e sustenta toda a história:
- «A vida derramou-se sobre todos os seres e todos são inundados duma grande luz; o Oriente dos orientes invade o universo e Aquele que era “antes da estrela da manhã” e antes dos astros, imortal e imenso, o grande Cristo, brilha mais que o Sol sobre todos os seres. É por isso que, para nós que n’Ele cremos, se instaura um dia de luz, longo, eterno, que não se extingue: a Páscoa mística»<sup>19</sup>.
- 2466** Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade»<sup>20</sup>, Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele é a verdade<sup>21</sup>. Quem nele crê não fica nas trevas<sup>22</sup>. O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta»<sup>23</sup> e que santifica<sup>24</sup>. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade»<sup>25</sup> que o Pai envia em seu nome<sup>26</sup> e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13). Aos seus discípulos, Jesus ensina o amor incondicional à verdade: «que a vossa linguagem seja: “sim, sim; não, não”» (Mt 5, 37).
- 2715** A contemplação é o *olhar* da fé, fixado em Jesus. «Eu olho para Ele e Ele olha para mim» – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d’Ars em oração

<sup>14</sup> Cf. Lc 2, 22-39.

<sup>15</sup> Cf. Ex 13, 2.12-13.

<sup>16</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

<sup>17</sup> Cf. Mt 6, 11.

<sup>18</sup> Cf. Heb 3, 7-4, 11; Sl 95, 8.

<sup>19</sup> PSEUDO-HIPÓLITO DE ROMA, *In sanctum Pascha* 1, 1-2: Studia patristica mediolanensia 15, 230-232 (PG 59, 755).

<sup>20</sup> Cf. Jo 1, 14.

<sup>21</sup> Cf. Jo 14, 6.

<sup>22</sup> Cf. Jo 12, 46.

<sup>23</sup> Cf. Jo 8, 31-32.

<sup>24</sup> Cf. Jo 17, 17.

<sup>25</sup> Cf. Jo 14, 17.

<sup>26</sup> Cf. Jo 14, 26.

diante do sacrário<sup>27</sup>. Esta atenção a Ele é renúncia ao «eu». O seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensinamos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens. A contemplação dirige também o seu olhar para os mistérios da vida de Cristo. E assim aprende «o conhecimento íntimo do Senhor» para mais O amar e seguir<sup>28</sup>.

**CIC 60, 442, 674, 755, 767, 774-776, 781, 831:**

**a Igreja, o sacramento da unidade do género humano**

**60** O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito<sup>29</sup>, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja<sup>30</sup>. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes<sup>31</sup>.

**442** Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo»<sup>32</sup>, porque Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to *revelaram*, mas sim *o meu Pai* que está nos céus» (Mt. 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprouve a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios» (Gl 1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus...» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio<sup>33</sup>, o núcleo da fé apostólica<sup>34</sup>, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja<sup>35</sup>.

**674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história<sup>36</sup>, do seu reconhecimento por «todo o Israel»<sup>37</sup>, do qual «uma parte se endureceu»<sup>38</sup> na «incredulidade» (Rm 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou pela boca dos seus santos profetas de outrora» (Act 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (Rm 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus<sup>39</sup> na salvação messiânica, a seguir

<sup>27</sup> Cf. F. TROCHU, *Le Curé d'Ars Saint Jean-Marie Vianney* (Lyon-Paris 1927) p. 223-224.

<sup>28</sup> Cf. SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercitia spiritualia*, 104: MHSI 100, 224.

<sup>29</sup> Cf. Rm 11, 28.

<sup>30</sup> Cf. Jo 11, 52; 10, 16.

<sup>31</sup> Cf. Rm 11, 17-18. 24.

<sup>32</sup> Cf. Mt 16, 16.

<sup>33</sup> Cf. 1 Ts 1, 10.

<sup>34</sup> Cf. Jo 20, 31.

<sup>35</sup> Cf. Mt 16, 18.

<sup>36</sup> Cf. Rm 11, 31.

<sup>37</sup> Cf. Rm 11, 26; Mt 23, 39.

<sup>38</sup> Cf. Rm 11, 25.

<sup>39</sup> Cf. Rm 11, 12.

à «conversão total dos pagãos»<sup>40</sup>, dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (Ef 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (1 Cor 15, 2).

- 755 «A Igreja é a *agricultura* ou o campo de Deus<sup>41</sup>. Nesse campo cresce a oliveira antiga, de que os patriarcas foram a raiz santa e na qual se realizou e realizará a reconciliação de judeus e gentios<sup>42</sup>. Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como uma vinha eleita<sup>43</sup>. A verdadeira Videira é Cristo: é Ele que dá vida e fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que, pela Igreja, permanecemos n'Ele, e sem o Qual nada podemos fazer<sup>44</sup>»<sup>45</sup>.
- 767 «Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para cumprir na terra, no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para que santificasse continuamente a Igreja»<sup>46</sup>. Foi então que «a Igreja foi publicamente manifestada diante duma grande multidão» e «teve o seu início a difusão do Evangelho entre os gentios, por meio da pregação»<sup>47</sup>. Porque é «convocação» de todos os homens à salvação, a Igreja é, por sua própria natureza, missionária, enviada por Cristo a todas as nações, para de todas fazer discípulos<sup>48</sup>.
- 774 A palavra grega *mysterion* foi traduzida em latim por dois termos: *mysterium* e *sacramentum*. Na interpretação ulterior, o termo *sacramentum* exprime prevalentemente o sinal visível da realidade oculta da salvação, indicada pelo termo *mysterium*. Neste sentido, o próprio Cristo é o mistério da salvação: «Nem há outro mistério senão Cristo»<sup>49</sup>. A obra salvífica da sua humanidade santa e santificadora é o sacramento da salvação, que se manifesta e actua nos sacramentos da Igreja (que as Igrejas do Oriente chamam também «os santos mistérios»). Os sete sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu Corpo. A Igreja possui, pois, e comunica a graça invisível que significa; e é neste sentido analógico que é chamada «sacramento».
- 775 «A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»<sup>50</sup>. Ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*, eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da *unidade do género humano*. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que ainda há-de vir.

<sup>40</sup> Cf. Rm 11, 25; Lc 21, 24.

<sup>41</sup> Cf. 1 Cor 3, 9.

<sup>42</sup> Cf. Rm 11, 13-26.

<sup>43</sup> Cf. Mt 21, 33-43 e par.; Is 5, 1-7.

<sup>44</sup> Cf. Jo 15, 1-5.

<sup>45</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 8.

<sup>46</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 4: AAS 57 (1965) 6.

<sup>47</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 4: AAS 58 (1966) 950.

<sup>48</sup> Cf. Mt 28, 19-20; II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948; *Ibid.*, 5-6: AAS 58 (1966) 951-955.

<sup>49</sup> SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 187, 11, 34: CSEL 57, 113 (PL 33, 845).

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

- 776 Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo. «É assumida por Ele como instrumento da redenção universal»<sup>51</sup>, «o sacramento universal da salvação»<sup>52</sup>, pelo qual o mesmo Cristo «manifesta e simultaneamente actualiza o mistério do amor de Deus pelos homens»<sup>53</sup>. É o «projecto visível do amor de Deus para com a humanidade»<sup>54</sup>, segundo o qual Deus quer «que todo o género humano forme um só povo de Deus, se una num só Corpo de Cristo e se edifique num só templo do Espírito Santo»<sup>55</sup>.
- 781 «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. No entanto, aprouve a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse na santidade. Foi por isso que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente [...]. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo [...]. Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito»<sup>56</sup>.
- 831 É católica, porque Cristo a enviou em missão à universalidade do género humano<sup>57</sup>:
- «Todos os homens são chamados a fazer parte do povo de Deus. Por isso, permanecendo uno e único, este povo está destinado a estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou a natureza humana na unidade e decidiu enfim reunir na unidade os seus filhos dispersos [...]. Este carácter de universalidade que adorna o povo de Deus é dom do próprio Senhor. Graças a tal dom, a Igreja Católica tende a recapitular, eficaz e perpetuamente, a humanidade inteira, com todos os bens que ela contém, sob Cristo Cabeça, na unidade do Seu Espírito»<sup>58</sup>.

<sup>51</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

<sup>52</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

<sup>53</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

<sup>54</sup> PAULO VI, *Allocutio ad Sacri Collegii Cardinalium Patres* (22 de Junho de 1973): AAS 65 (1973) 391.

<sup>55</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 7: AAS 58 (1966) 956; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 17: AAS 57 (1965) 20-21.

<sup>56</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 12-13.

<sup>57</sup> Cf. *Mt* 28, 19.

<sup>58</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 13: AAS 57 (1965) 17.